



NODEIRINHO (3270 Pedrógão Grande)

Propriedade da Igreja Paroquial da Graça

(Depósito Legal n. 236/82)

MENSÁRIO — (AVENÇA)

ANO XXXII — 379
15 de Maio de 1994Director e Fundador — P.^a ANÍBAL HENRIQUES COELHO
Director-Adjunto — JOÃO CARVALHO ROSA (João Viola)Composição e impressão:
Gráfica Almondina — Torres Novas
Telefone 812499

Telefone: 036 — 50155

Os Bárbaros do Século XX

Ex.^{ma} Sr. Director:

Os romanos consideravam bárbaros todos os povos que não falavam a sua língua.

Serão estes mesmos povos que no século V irão conquistar todo o Império Romano do Ocidente, destruindo, arrasando e saqueando tudo por onde passaram.

Não é objectivo desta pseudo-crónica falar destes bárbaros, mas dos bárbaros deste final de século, que em Portugal e em nome do progresso, destroem e arrasam tudo, para perpetuar o seu nome através de obras feitas a qualquer preço, sem o mínimo de respeito pelas pessoas, pela paisagem, pelos monumentos históricos ou de interesse público, etc., etc.

Antes de continuar, gostaria de deixar bem claro, que não me oponho ao progresso. Oponho-me sim, ao progresso a qualquer preço que não consegue conciliar nem articular numa forma harmoniosa e coerente o passado e o presente, projectando-o inclusivamente no futuro.

Vem tudo isto a propósito da construção da nova ponte sobre o Rio Zêzere, ligando através do IC8 Pedrógão Grande a Pedrógão Pequeno. Constituiu para mim um verdadeiro choque, aquilo que tive oportunidade de presenciar, quando num destes fins-de-semana me desloquei a Pedrógão Grande. Aquilo que outrora constituía um verdadeiro deleite para qualquer pessoa que percorresse a velha estrada do Cabril, e da velha Ponte Filipina, olhar toda aquela beleza, toda aquela grandiosidade e simultaneamente todo aquele silêncio, transformara-se agora num verdadeiro pesadelo.

A velha estrada que havia conseguido resistir ao tempo, não teve forças para se bater com as máquinas nem com os enormes camiões que a sulcam esventrando a sua calçada; os muros de protecção ruíram sob o impacto das escavadoras; a própria Ponte Filipina do Cabril é um monumento nacional. Na minha opinião a ponte não pode ser indissociável da estrada que lhe dá acesso, de outra forma a sua existência não faria sentido. Por esta razão, não só a ponte deve ser conservada, mas também a via que intrinsecamente dela faz parte.

É afinal tudo isto que está a ser posto em causa, com a cumplicidade passiva das autarquias locais responsáveis pela zona, a Câmara Municipal de Pedrógão Grande e a sua congénere do concelho vizinho a Sertã.

A nova ponte daqui a algum tempo lá irá ficar, igual a tantas outras que existem por esse país fora, mais alta ou mais larga, com um tabuleiro maior ou menor, mas a paisagem ímpar do Cabril jamais será reposta.

Como escrevi no início desta breve crónica, não me oponho ao progresso, e o IC8 deve ser considerado uma importante rodovia, ligando de uma forma segura e rápida o interior ao litoral, devendo considerar-se um factor importante para desenvolvimento de toda uma região carenciada e durante largos anos deixada ao abandono pelo poder central. Mas não seria possível conciliar esta construção sem destruir aquelas que já existiam no local?

Será que no projecto de construção da dita obra foi incluído algum plano de impacto ambiental?

Será que para a execução da obra foi prevista a destruição da estrada de acesso ao monumento?

Será que está previsto no respectivo caderno de encargos o custo das obras necessárias à reposição da velha estrada, com o seu traçado e características originais?

São estas as perguntas que como cidadão deste país tenho o direito de fazer, e mais do que isso, de exigir, que o património legado pelos nossos antepassados possam ser conciliado com as realizações do presente, pois é também esse património que nos dá identidade enquanto Estado e nação.

As autarquias e outras entidades públicas envolvidas neste processo façam um último apelo: Sejam dignos das obras que os vossos (nossos) antepassados vos (nos) legaram, para que no futuro outras gerações possam, de igual modo, respeitar e preservar aquelas que estão a construir no presente.

José Carlos dos Santos
(Estudante Universitário de História — variante Arqueologia — Coimbra)

(Do «Diário de Coimbra», de 11 de Março, 94)

Turismo Rural



Preservando o primitivo nome de «VIVENDA ISAURA», aguarda-se para muito em breve (ainda no decorrer da presente época estival) a abertura ao público, na aldeia Troviscais Cimeiros, em local próximo da capela local, de uma moderna unidade hoteleira a explorar em regime de turismo local, que contará com um total de 6 quartos para alugar, dois dos quais apetrechados com casa de banho privativa.

O aparecimento deste esta-

(Continua na pág. 3)

Volta ao Mundo

LISBOA — Manuel Sérgio, líder do Partido Político PSN, é acusado de ter recebido cinco mil contos para matar o seu próprio Partido.

— Na noite de 29 de Março, no Estádio da Luz, o Benfica venceu o Parma, da Itália, por 2 a 1. Foi uma boa jogada.

ALGARVE — Está já projectada para Vila do Bispo uma central eólica. E porque não recorrer a este meio por todo o país, para termos energia mais barata, a partir do vento?

RÚSSIA — O Conselho de Ministros vai comprar no estrangeiro, para o Museu Popov de S. Petersburg, uma parte da colecção de selos que foi do Czar Nicolau II, a qual colecção representa os retratos de todos os Czares da Dinastia Romanov. Sinais dos tempos!

LISBOA — Cada cartaz dos

usados nas últimas eleições autárquicas custou cerca de 500\$00.

Quanto se terá esbanjado no país inteiro?

E não há dinheiro para matar a fome a tanta gente esfomeada e para dar guarida a tantos sem abrigo...

Renunciem os Partidos à costumada inundação de cartazes.

COIMBRA — Disse o poeta Miguel Torga: «Abolição das fronteiras. Livre circulação de pes-soas e bens. Ocupados sem resistência e sem dor. Anestesiados previamente pelos invasores e seus cúmplices, somos agora oficialmente europeus de primeira, espanhóis de segunda e portugueses de terceira».

LEIRIA — «O Mensageiro», o jornal mais antigo deste Distrito, transcreveu o nosso artigo de fundo, «Rolos de Pergaminho», do n.º 377, Março de 1994.

Agradecemos e fazemos vo-

tos de longa vida ao glorioso Semanário, fundado há mais de 80 anos pelo saudoso P.^a José Ferreira de Lacerda que bem conhecemos, ainda em pujança de vida.

TIMOR — A Indonésia já procedeu a duas emboscadas para assassinar o Bispo, D. Ximenes Belo, o intrépido Bispo de Timor.

CUBA — Desde 1991, os tractores não trabalham, por falta de combustível e de peças sobresselentes. Por isso são actualmente utilizados nos serviços de agricultura, na vez dos tractores, 320 mil bois.

TIMOR — O Bispo de Dili, D. Ximenes Belo, sempre se tem destacado pela sua nobre acção em favor dos Direitos Humanos. E agora o candidato nominal ao Prémio Nobel da Paz.

O Parlamento Português apoia a sua candidatura.

(Continua na pág. 3)

O desengano do Presidente

Na sua visita à Universidade de Aveiro, o P.R. reconheceu ... o que aliás não é novidade para ninguém — que «a agricultura portuguesa está mal, a nossa indústria não é competitiva, o turismo e os serviços estão a demonstrar alguns problemas e, cada vez mais, é evidente o aumento da emigração e da pobreza».

Em seguida, referindo-se à «providencial» C.E., disse:

«A União Europeia tem que ser vista de uma forma diferente e não exclusivamente como um poço de subsídios.

Chegou o momento de repensar a situação do nosso país,

visto que, a partir de 1996, os subsídios começam a decrescer e cessam em 1999».

Só agora pensar na situação do nosso país na C.E.?

Então, Sr. Presidente, aquela sua frenética euforia de fazer entrar Portugal na C.E.E. deu nisto?

Somente agora é que vê os resultados que, para um espírito esclarecido, eram fáceis de prever logo de princípio?

E não tem remorsos da «alhada» em que tão precipitadamente (impensadamente no ponto de vista nacional) meteu o país?

(De «Consciência Nacional»)

Boas-Festas da Páscoa

Recebemos e retribuímos os cumprimentos de Boas-Festas aos nossos assinantes, Srs. Virgínio Dias Vitorino, da Amadora, José Simões Rosa, de Queijas, D. Eduarda Lopes Dias, do Cabril, da Pampilhosa da Serra, D. Edite Valentim Marques Ferreira, de Figueiró dos Vinhos, e outros.

Falecimentos

— Em Figueiró dos Vinhos, faleceu o Sr. José Gonçalves Ramos Júnior, de 95 anos, natural de São Brás de Alportel, no dia 28 de Fevereiro.

O seu funeral realizou-se, no dia 1 de Março, com grande acompanhamento. Era muito conhecido e estimado nesta região, pela delicadeza de trato com que vivia com os amigos e conhecidos.

Era cunhado e grande amigo do Sr. Aníbal Silveira Herdade, da Quinta da Telhada, nosso bom assinante, desde a primeira hora.

— Na Atalaia Cimeira, faleceu, em 21 de Março, o Sr. Vitor de Jesus Cristóvão, negociante de gados, de 58 anos, casado com a Sr.ª D. Ermelinda Coelho Mendes, pai do nosso assinante, Sr. António Mendes Crisóstomo. Os nossos sentimentos.

— No Rio de Janeiro, Brasil, faleceu em 22 de Março, o Almirante Henrique Ferreira que abandona Portugal, após o 25 de Abril. Foi cá proprietário da frota bacalhoeira e figura de elevado prestígio no País.

— No dia 11 de Abril, faleceu, no Hospital de N.ª Sr.ª da Guia, do Avelar, onde estava internado o Sr. Joaquim Barreto, viúvo, de 94 anos de idade; de Nodirinho, sogro do nosso as-

sinante Augusto Antunes Fonseca da Barraca da Boa Vista.

O seu funeral realizou-se, no dia seguinte para o cemitério da Graça, com grande acompanhamento.

No dia 17 de Abril, Domingo, foi celebrada Missa, por sua alma, na Capela de Nodirinho, a pedido da família.

AGRADECIMENTO



Em Pedrógão Grande, faleceu, no dia 31 de Março, o Sr. António dos Santos, (Passarito), de 66 anos, natural do Bravo, Pedrógão Pequeno.

Viúva, filhos, nora e genro agradecem a todas as pessoas que o acompanharam à sua última morada, no cemitério local, onde foi sepultado, na Quinta-Feira Santa de 1994.

As nossas visitas

Deram-nos a honra da sua visita os nossos assinantes:

— Rev.ªs Padres José Brás Escaroupa, Pároco de Arega e Arcipreste de Figueiró dos Vinhos;

— António Mendes Antunes, Pároco de Figueiró e Director do Jornal de Figueiró dos Vinhos;

— Eduardo Abreu, das Várzeas;

— Marcolino Rodrigues, emigrante em França;

— Júlio Baptista de Almeida, Altardo;

— António Henriques e filho Aires, Troviscais;

— José Silva Fonseca e esposa Otelinda, Marinha;

— Delmar Domingues Carvalho, Bombarral;

— Mário Rosa Antunes, Figueiro dos Vinhos;

— P.ª Januário Santos Lourenço, Vila Cova do Alva;

— P.ª Arlindo Fernandes P. David, Pedrógão;

— Amadeu H. Rodrigues, Regadas.

Agradecemos.

Sinodo Diocesano de Coimbra

No dias 28 e 29 de Maio vai realizar-se a primeira reunião da Assembleia Sinodal, sob a presidência do Bispo da Diocese, D. João Alves.

Antes, será feita, em cada Arciprestado, a eleição dos delegados dos sacerdotes que irão assistir ao Sinodo, eleição que se realizará em todo o mês de Abril.

Transcrição

O jornal «O Mensageiro», de Leiria, de 31 de Março de 1994, transcreveu o nosso artigo de fundo «*Rolos de pergaminho*», publicado no n.º 377, Março 94.

Os nossos agradecimentos ao decano dos jornais do distrito de Leiria, fundado pelo saudoso P.ª José Ferreira de Lacerda que recordamos com profunda saudade.

Castanheira de Pera na História

A última invasão muçulmana comandada pelo Rei de Málaga, em 1117, passou por Castanheira, desceu à Senhora da Piedade, Lousã, e terminou em Coimbra, com a destruição do Templo da Sé Velha.

O Papa condena matrimónio entre homossexuais

João Paulo II considera moralmente inadmissível a aprovação feita pelo Parlamento Europeu em relação ao casamento entre pessoas do mesmo sexo e à possibilidade de estas adoptarem crianças. Disse ele: «Com a resolução do Parlamento, pediu-se para legitimar uma desordem moral. O Parlamento conferiu indevidamente um valor institucional a comportamentos não conformes com o plano de Deus, secundando as fraquezas do homem. Não se reconheceu que o verdadeiro direito do homem é a vitória sobre si próprio para viver em conformidade com a consciência recta».

De «O Mensageiro»

Retrato

*Como já não chefia Apolo as Musas,
Pôs um malabarista em seu lugar!...
Anda com Dionísio a divagar
E este lhe inspira as obras mais abstrusas!...*

*Como só nutre ideias bem confusas,
Sente o toutiço sempre a ferver!...
Tantas vezes, passeia a trautear,
Mas baralha as colcheias com as fusas!...*

*Sabe, como ninguém, pontificar
Sobre assuntos difíceis e diversos!...
Não há quem o consiga atraparhar,*

*Seja padre, doutor ou general!...
Quando compõe os seus chochinhos versos,
Tem-se por beletista, sem igual!...*

Silvério Almagro

Passageiro clandestino

Depois de terminar, com a nota «excelente», o curso de engenharia, Boris Ieltsin lançou-se a viajar pelo país. Adorava passear, sobretudo... no tejadilho dos comboios. Um dia, a caminho de Moscovo, encontrou-se com uns marginais que viajavam nas mesmas condições que ele. Os rapazes conseguiram convencer Boris a entrar num perigoso jogo de cartas. Como nenhum deles tinha dinheiro, apostavam as roupas. Boris perdeu tudo o que tinha no corpo. Foi então que os marginais lhe lançaram o repto (que ele aceitou): «Agora apostamos a tua vida. Se ganhares, devolvemos-te a roupa toda. Se perderes, atiramos-te para um sítio qualquer, para onde ninguém te possa encontrar». Boris nem pestanejou. Aceitou o desafio, sem medo e venceu. A partir daí, os marginais passaram a respeitá-lo e ofereceram-lhe chá e pão...

«VOZ DA GRAÇA» AVENÇA CREDENCIADA

Mensário Formativo e Informativo
Fundado em Abril de 1962

FICHA TÉCNICA

Director e Fundador:
P.ª Aníbal Henriques Coelho

Director Adjunto:
João Carvalho Rosa (João Viola)

Redacção:
Nodirinho (Graça)
— 3270 PEDRÓGÃO GRANDE
Telefone (036) 50155

Depósito Legal: n.º 236/82
N.º de Registo na DGCS 104959

Colaboradores:

Dr. Juiz Desembargador Jubilado
Serafim Fernandes das Neves (Lisboa)
Dr. Reis Brasil (Lisboa)
Júlio Baptista Nunes (Reboleira)
Dr. João da Silva (Silvio) - (Funchal)
António da Rosa (Lisboa)
Ángelo Francisco Teixeira (P. Grande)
Armando David (Buraca)
Américo Rosa Lopes (Pesos Fundeiros)
P.ª Américo Brás da Costa (Lisboa)
P.ª José Rodrigues Redondo (Lisboa)
D. Arminha Cardoso (Lisboa)
D. Eduarda L. Dias (Pampilhosa)
Laura Rosa Martins de Carvalho (Estoril)
Eduardo Abreu (Vila Franca)
Prof. Carlos Atalaia (Pedrógão)

Composição e Impressão desde Abril de 1972

Gráfica Almondina Tel. 812499 - T. Novas
Assinatura anual (12 meses) — 1 000\$00
Número avulso — 100\$00

Tiragem mensal: 2 000 exemplares

Locais de pagamento, deixando por escrito o nome e morada

Na Graça: Sr. Manuel Santos, sacristão
Figueiró dos Vinhos: Café Central
Sr. Mário

Pedrógão: Carteiro Carlos Louro
Em Castanheira de Pera: António
Martins - Barbearia

Nodirinho: Redacção e João Viola



Dr. FERNANDO BRANCO

Médico Especialista
de Clínica Geral
Telefone 52216

3260 Figueiró dos Vinhos

Consultas: segundas, terças e
quintas-feiras (das 12 às 14 e
das 18 às 20 horas).

Quartas-feiras (das 9 às 13 e
das 18 às 20 horas)

Sextas-feiras (das 12 às 20
horas)

Sábados (das 9 às 14 horas)

Serralharia Pedroguense

Caixilharia de alumínio
anodizado e lacado,
vidros, etc.

Consulte-nos. Temos a
melhor qualidade ao melhor
preço.

Av.ª Dr. F.ª Sá Carneiro
Telef. 036/45324

3270 Pedrógão Grande

OURIVESARIA LOURENÇO

RELÓGIOS • OURO E JÓIAS
CASA ESPECIALIZADA EM ÓPTICA MÉDICA

TELEF. 036/52105

3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

UMA TRADIÇÃO DE BEM SERVIR



Colossal sortido a preços baixos.
Taças, troféus e medalhas desportivas.



(01)9559313

Américo Coelho Godinho
EMPREENHEIRO

EXECUTA TODOS OS TRABALHOS,
DA CONSTRUÇÃO CIVIL, OBRAS DE RAIZ
E TODO O TIPO DE REPARAÇÕES

ORÇAMENTOS GRÁTIS EM TODO O PAÍS

R. Mouzinho de Albuquerque (Qt.ª dos Anjos) — Portela da Azóia — 2685 SACAVÉM

«VOZ DA GRAÇA»
— O seu jornal —

Turismo Rural

(Continuação da 1.ª pág.)

belecimento, propriedade de António Henriques e de Fernanda de Jesus Neves Barata, conjuga a necessidade sentida de salvaguarda do nosso património arquitectónico popular e de valorização e divulgação dos nossos hábitos e tradições regionais, com a vontade de adequar o concelho com uma unidade de

peração dos símbolos regionais mais relevantes, como a varanda beirã de balaústres de madeira, de gracioso recorte, as chaminés de grandes dimensões, influenciadas pelas migrações regulares para o sul e Borda d'Água e o emprego do granito e azulejaria na composição e decoração de exteriores e interiores.



acolhimento de características e ambiente nitidamente familiares.

A habitação em causa, de dois pisos, é do tipo arquitectónico comum às que subsistem na zona antiga da sede do concelho, e que pelo seu interesse regional foram, há já alguns anos, objecto de legislação específica pretendendo acautelar a sua recuperação e reconversão urbanística.

As obras de restauro e reconversão de que a «VIVENDA ISAURA» foi alvo obedeceram a critérios estritos de respeito pela traça original, com a recu-

As traseiras estão em relação íntima com o quintal e jardim da casa, que é servida por uma ampla eira tradicional, totalmente revestida a loisas pretas, estando a unidade preparada para a recepção das viaturas automóveis dos potenciais hóspedes que optem por este tipo de acolhimento e contacto mais estreito com as populações rurais e com a natureza, como é peculiar neste regime de exploração.

Quaisquer informações que se reputem úteis poderão ser obtidas através do telefone, da rede de Pombal (036), n.º 45246.

Volta ao Mundo

(Continuação da 1.ª pág.)

Depois do terrível massacre de Santa Cruz, em Novembro de 1991, já se fala de um outro massacre. Publicaram-se listas de 270 mortos e de mais 250 desaparecidos. Em Timor não há família que não tenha perdido algum dos seus membros, morto pela repressão indonésia. A Igreja de Timor, na pessoa do seu Bispo, é apresentada como candidato ao prémio Nobel da Paz, em 1994.

Trata-se de dar a conhecer ao mundo o papel da Igreja Timorense na defesa dos direitos do povo de Timor, onde, em 1975, só 30% da população eram católicos. Actualmente 90% são católicos, devido à firme posição adoptada pela Igreja em favor do povo.

CHINA — O Papa, João Paulo II, manifestou aos jornalistas o seu grande desejo de visitar a China, um imenso povo,

Mas o Governo chinês recusou a visita do Papa ao seu país, até que o Vaticano reconheça a República Popular da China, e suspenda todo o apoio à Igreja católica «clandestina».

REDINHA — Por escolha da Direcção da Associação da Serra de Sicó, será nesta vila que irá realizar-se a próxima feira do tão afamado queijo do Rabaçal. Fazemos votos para que tenha grande movimento.

SEATTLE — Dizem cientistas americanos que, debaixo da terra, vive um cogumelo gigante que ocupa 600 hectares de terreno, e alimenta-se de raízes de pinheiro. Deverá ter entre 400 e 1.000 anos de vida. Os dois cientistas Shawe e Ken Russel andam há 20 anos a estudar aquela espécie «*Armillaria ostoyae*».

Reformados da Carris

Está em marcha mais um almoço-convívio, para descarrilados e respectivas descarriladas, e não só.

Está marcado para o dia 15 de Maio, às 13 horas, na casa de convívio de Anceriz, na área de Arganil.

Será confectionado por hábeis cozinheiros de touca branca.

Aceitamos inscrições, até ao dia 12 de Maio pelos telefones: 57147 - 94261 - 22251 todos da rede de Arganil.

João Barata — Amioso Fundeiro

Cartas ao Director

Fig. dos Vinhos, 27/3/94

Ex.^{ma} Rev.^{ma} Sr. Padre Aníbal

Venho por este meio, desejar-lhe muita saúde e paz no Senhor.

Peço muita desculpa de só agora lhe estar a escrever; mas lá diz o ditado, mais vale tarde que nunca. Desejo-lhe pois que este ano de 94 lhe traga todas as graças do Céu. Só hoje me é possível, cumprir com o dever de pagar a minha assinatura do nosso pequeno, mas tão grande e querido jornal. Só em caso de excessiva necessidade e por de

tudo impossível deixarei de o assinar. É um jornal que me é muito querido e meu marido, que o Senhor nosso Deus lá tem, muito apreciava também. Além do mais é um jornal que traz as verdades que todos nós devemos e temos o direito de conhecer. E também de algum modo me liga aquela gente da Freguesia da Graça, gente de quem ainda tenho muitas saudades, e sei que também ainda gostam muito de mim.

Sem mais, aceite a minha pequena dádiva, mas é com o coração, respeitosa e atenciosamente,

Edite Valentim Marques Ferreira

Almofala de Baixo, 6/4/94

À Redacção da «Voz da Graça» Nodeirinho

Ex.^{ma} Senhor Padre Aníbal Henriques Coelho.

Com os meus respeitosos cumprimentos desejo-lhe o seu bem estar e muita saúde, que eu bem felicemente.

Amigo e Senhor Padre Aníbal junto envio este cheque do B.P.V.S.M., no valor de 1.000\$00, para pagamento da minha assinatura da «Voz da Graça», durante um ano ou seja 12 meses que agradeço tome nota no seu ficheiro como paguei.

Sem outro assunto me subscrevo e muitas felicidades,

Alberto Jorge Marques

Muito Obrigado!

É já a segunda vez que publicamos texto no nosso jornal enviado por um colaborador muito especial que, sollicitamente, nos envia o material que considera com interesse para nós, geralmente coisas que dizem respeito a Arega e que se relacionam com a sua história.

Mas o mais espantoso é que este Homem decidiu colaborar connosco sem que nada lhe fosse pedido, tão-só pelo prazer de transmitir aquilo que sabe e pesquisou, num gesto de solidariedade e apoio. Pudéssemos nós retribuir-lhe na mesma moeda, mas temos de assumir a nossa insignificância perante o

saber e a experiência deste nosso colega e amigo.

Colega porque como nós se dedica ao jornalismo regional sem fitos lucrativos, bem antes pelo contrário, já com anos e anos da tarimba que nos falta, e amigo porque, embora sem o prazer do conhecimento pessoal, outras provas não tem dado senão as de amizade e companheirismo.

Primeiro, a par de palavras de encorajamento, enviou-nos as *Memórias Pombalinas de Arega*, de que sabíamos a existência mas que não conseguíamos encontrar por não procurar na obra certa; depois remeteu-nos o material que publicamos hoje,

juntamente com uma óptima informação sobre a passagem das invasões francesas em Arega, informação essa que nos é preciosa para um trabalho sobre o assunto que tencionamos apresentar, pois, além do conteúdo expressamente referente a Arega, cita uma fonte de grande importância sobre o tema e que desconhecíamos.

Sem desprimor para todos os nossos colaboradores, a quem agradecemos encarecidamente a disponibilidade com que desde a 1.ª hora nos têm ajudado, endereçamos daqui um muito obrigado ao Sr. Padre Aníbal Henriques, digno director do nosso colega «Voz da Graça». Bem haja!

Almiro Moraes

De «Voz de Arega»

A Família e a Liberdade

Todos nós membros de Famílias ou de Comunidades somos confrontados a cada passo com todos os problemas que interferem com a nossa liberdade.

Hoje, mais do que nunca, na História da Humanidade, sentimos com mais violência a chamada fascinação da Liberdade. A própria Igreja num Concílio fala da liberdade como de algo «que os nossos contemporâneos louvam com entusiasmo e com toda a razão». «Vamos interpretá-la à luz do *Cristianismo* (religião da liberdade que intenta salvar o homem, Salvação que é a passagem da escravidão (pecado) à liberdade (de Filhos de Deus); como afirma S. Paulo: «Irmãos, fostes chamados à liberdade». Digamos desde já que não é fácil ser livre; a liberdade é a conquista mais difícil que alguém pode fazer. Deus quer-nos livres para O servirmos no Amor a Deus e ao nosso próximo. Esta é a Sua Lei.

Portanto, *liberdade cristã* é compromisso com Jesus Cristo que nos diz: «Se alguém quiser Seguir-Me, deixe tudo...»: os seus gostos, desejos, família, prazeres, pecado, escravidão... e Siga-Me. «Quando a liberdade nos afasta destes princípios, caímos na *libertinagem*. E *libertinagem* é escravidão, é tirania, é ódio, é guerra, é destruição, é morte. Da boa e consciente educação dos filhos dependerá, no futuro, que eles possuam mais ou menos *liberdade coerente e responsável*. Por isso, a *liberdade* não consiste em fazer cada um aquilo que lhe apetece ou lhe parece ou nos é útil ou agradável; não consiste em ser escravo dos instintos, do egoísmo, do respeito humano, do orgulho, da ambição; não consiste em «satisfazer os desejos da carne», como diz S. Paulo, o que será a negação total da verdadeira liberdade.

A *liberdade* consiste: na faculdade de escolhermos os meios aptos para alcançarmos o verdadeiro Fim

da Vida = o Bem Supremo = Deus; na *capacidade* para escolhermos sempre o bem, o Belo, o Sublime; *consiste na caridade* acima de tudo: «servir por amor uns aos outros», e acrescenta S. Paulo. «Se servirmos ao Espírito, somos livres; se servirmos ao mal, somos escravos».

Na prática, somos livres quando encontramos no íntimo da nossa consciência, a paz, a alegria, o amor, a fidelidade, a bondade, a caridade.

Na prática, somos escravos quando nos sentimos incapazes de dominar o mal, o ódio, a calúnia, o álcool, a droga, a corrupção de qualquer espécie. Fácil é concluirmos que a liberdade tanto pode ser fonte da nossa grandeza como causa das nossas misérias.

Quanto lares desfeitos, quantas famílias amarguradas, quantos filhos destroçados por vícios como

droga, álcool... quantos assassínios, etc... tudo por desvio ou falta de *liberdade consciente, coerente e responsável* que devia conduzir a um sério compromisso de vida.

Terrível contraste seria que o nosso século já conhecido, «o século da Família», ficasse na História como «o século da libertinagem»!... Casos? Para quê? Eles aí estão perante os nossos filhos, nas nossas famílias, através dos meios de comunicação social ou na vida desta Sociedade escravizada no materialismo da vida.

Acaba de chegar ao meu conhecimento a notícia de que o Santo Padre, João Paulo II, na próxima visita (a 58.ª), que em Setembro irá fazer à Lituânia, levará aos povos esta mensagem: «A *liberdade* deve ser *coerente e responsável*». Estejamos atentos à Voz do Papa... Voz da Igreja... Voz de Deus

Assinatura ilegível

Jesus continua a sofrer

A quadra fúnebre está a chegar e, as andorinhas esquecem de trazer a Primavera não sabemos que estação está a reinar já que a ignorância e a indiferença destroem a «ozonosfera».

Deus criou um mundo perfeito e, como se não bastasse enviou o seu filho à terra para redimir os nossos defeitos mas, o homem infelizmente cada vez mais erra.

A Paixão de Cristo é muito importante o ser humano finge ignorar

Apesar de ser um bicho pensante as suas acções deixam muito a desejar.

A Páscoa não é uma celebração eucarística que irá passar

significa a Morte e o Sofrimento

de um HOMEM que desde há dois mil anos continuamos a maltratar.

O fanatismo e a distância, forças antagónicas são antónimos de oração e, sem querer encarar esta realidade tudo cobrimos fazendo de conta que nada sentimos.

No entanto, estamos longe e pensamos estar perto. Os nossos gestos ficam muito aquém do que está certo e assim transformamos a nossa vida num deserto.

28/Março/94

Ligia Faria

Cartório Notarial de Pedrógão Grande

Certifico, narrativamente para fins de publicação que por escritura de justificação, lavrada no dia 24 de Março de 1994, a fls. 66 verso e seguintes do livro de notas n.º 6-B, deste Cartório, compareceram AMADEU HENRIQUES RODRIGUES e mulher PALMIRA DA LUZ, casados no regime da comunhão geral, naturais da freguesia e concelho de Castanheira de Pera e ela freguesia e concelho de Pedrógão Grande, onde residem no lugar de Regadas Cimeiras, contribuintes fiscais respectivamente números 115249001 e 142933520, os quais declararam:

Que, com exclusão de outrem são donos e legítimos possuidores dos seguintes prédios situados na freguesia e concelho de Pedrógão Grande:

UM — Prédio urbano, composto de casa de habitação de rés-do-chão e primeiro andar, sito em Regadas Cimeiras, com a superfície coberta de trinta e cinco metros quadrados, a confrontar: de norte e poente com Amadeu Henriques Rodrigues, sul com Joaquim Henriques de Carvalho e nascente com Joaquim Henriques de Carvalho, inscrito na respectiva matriz sob o artigo número 1769, com o valor patrimonial de dois mil oitocentos e oitenta e seis escudos, ao qual atribuem o valor de trinta mil escudos.

DOIS — Prédio urbano, composto de casa de habitação de rés-do-chão e primeiro andar sito em Tegadas Cimeiras com a superfície coberta de sessenta metros quadrados, a confrontar: do norte e poente com a Estrada Pública, sul com Amadeu Henriques Rodrigues e do nascente com Joaquim Carvalho, inscrito na respectiva matriz sob o artigo número 2037, com o valor patrimonial de seis mil cento e cinquenta escudos, ao qual atribuem o valor de trinta mil escudos.

TRÊS — Prédio rústico, composto de terreno de pinhal, mato e eucalipto, sito no Carvalhito, com a área de novecentos e noventa metros quadrados, a confrontar: do norte e nascente com Gracinda Alves, sul e poente com Alfredo Jacinto, inscrito na respectiva matriz sob o artigo número 4463, com o valor patrimonial de mil seiscentos e noventa escudos, ao qual atribuem o valor de cinco mil escudos.

QUATRO — Prédio rústico, composto de terreno de cultura com oliveiras, sito no Barreiro, com a área de duzentos e noventa metros quadrados, a confrontar: do norte com Joaquim Gomes, sul e poente com João Alves Coelho, e nascente com o caminho, inscrito na respectiva matriz sob o artigo número 4509, com o valor patrimonial de mil duzentos e sessenta e oito escudos, ao

qual atribuem o valor de dois mil escudos.

CINCO — Prédio rústico, composto de terreno de cultura com oliveiras, mato e sobreiros, sito na terra da Pereira, com a área de oitocentos e cinquenta metros quadrados, a confrontar: do norte com Amadeu Rodrigues e Manuel Rodrigues, sul com Regueira, nascente com Manuel Rodrigues e poente com Alfredo Jacinto, inscrito na respectiva matriz sob o artigo número 4606, com o valor patrimonial de dois mil quatrocentos e oitenta e dois escudos, ao qual atribuem o valor de cinco mil escudos.

SEIS — Prédio rústico, composto de terreno de cultura com oliveiras, pinhal, mato e sobreiro, sito no Cabeço dos Castanheiros, com a área de quinhentos e sessenta metros quadrados, a confrontar: do norte com Manuel Rodrigues, sul com a Regueira, nascente com Alfredo Jacinto, do poente com Arnaldo Maria Raposo, inscrito na respectiva matriz sob o artigo número 4614, com o valor patrimonial de dois mil seiscentos e quarenta escudos, ao qual atribuem o valor de três mil escudos.

SETE — Prédio rústico, composto de terreno de cultura com oliveiras, pinhal, mato com sobreiros, com a área de quinhentos e oitenta e cinco metros quadrados, sito no Cabe-

ço dos Castanheiros, a confrontar do norte e poente com Alfredo Jacinto, sul com a Regueira e nascente com Alfredo Jacinto, inscrito na respectiva matriz sob o artigo número 4618, com o valor patrimonial de mil oitocentos e setenta e cinco metros quadrados, ao qual atribuem o valor de cinco mil escudos.

OITO — Prédio rústico, composto de terreno de cultura com oliveiras, pinhal e mato sito em Morangueiros, com a área de trezentos e sessenta metros quadrados, a confrontar de norte, sul e nascente com Manuel Rodrigues e poente com Alfredo Jacinto, inscrito na respectiva matriz sob o artigo número 4811, com o valor patrimonial de mil setecentos e noventa e seis escudos, ao qual atribuem o valor de dois mil escudos.

NOVE — Prédio rústico, composto de terreno de cultura com videiras, com a área de trezentos e setenta metros quadrados, a confrontar: do norte e nascente com Alfredo Jacinto, sul com Virgílio Antunes e do poente com o caminho, inscrito na respectiva matriz sob o artigo número 4813, com o valor patrimonial de mil cento e oitenta e oito escudos, ao qual atribuem o valor de cinco mil escudos.

DEZ — Prédio rústico, composto de terreno de cultura com oliveiras, videiras, pinhal e

mato, sito na Ponte das Regadas, com a área de setecentos e setenta e cinco metros quadrados, a confrontar: do norte e sul com Carlos Manuel Rodrigues, nascente com a ribeira e poente com o viso, inscrito na respectiva matriz sob o artigo número 6669, com o valor patrimonial de dois mil cento e doze escudos, ao qual atribuem o valor de três mil escudos.

Que os referidos prédios se encontram omissos na Conservatória do Registo Predial de Pedrógão Grande, e inscritos na matriz em nome do justificante marido.

Que os referidos prédios lhes pertencem por os possuírem há mais de vinte anos, e que durante aquele tempo os possuem em nome próprio, sem a menor oposição de quem quer que seja, desde o seu início, posse que sempre exerceram sem interrupção e ostensivamente com o conhecimento e acatamento de toda a gente, sendo por isso, uma posse pública, pacífica e contínua, pelo que adquiriram os referidos prédios por usucapião, não havendo todavia, dado o modo de aquisição documento que lhes permita fazer a prova do seu direito de propriedade perfeita.

Que a esta justificação atribuem o valor de noventa mil escudos.

Está conforme.

Pedrógão Grande, 4 de Abril de 1994.

A Ajudante,

(assinatura ilegível)

Cartório Notarial de Pedrógão Grande

A cargo da Notária Lic. Zulmira Maria Neves da Silva

Certifico, para fins de publicação, que por escrituras de justificação lavrada em 15 de Março de 1994, no livro de notas n.º 6-B, de folhas 58 verso e seguintes, compareceram:

ÂNGELO LUÍS e mulher MARIA ROSA JESUS DA SILVA, casados na comunhão geral, naturais da freguesia e concelho de Pedrógão Grande, onde residem no lugar de Marroquil, contribuintes fiscais respectivamente números 150007485 e 177386401.

E, declararam:

Que, com exclusão de outrem são donos e legítimos possuidores dos seguintes prédios situados na freguesia e concelho de Pedrógão Grande:

UM — Prédio rústico, composto por terreno de pinhal e mato, sito em Vale dos Frades, com a área de duzentos e trinta metros quadrados, a confron-

tar: do norte com Francisco Coelho, sul com herdeiros de Manuel Pereira, nascente com António José Henriques, e poente com o caminho público, inscrito na respectiva matriz sob o artigo número 822, com o valor patrimonial de quatrocentos e vinte e três escudos.

DOIS — Prédio rústico, composto por terreno de cultura com oliveiras e mato, sito na Vinha do Marroquil, com a área de quinhentos e quarenta e cinco metros quadrados, a confrontar: do norte com urbano de Ângelo Luís, sul com José Rosa Henriques, nascente com António Francisco Coelho, e poente com o caminho público, inscrito na respectiva matriz sob o artigo número 885, com o valor patrimonial de seiscentos e oito escudos.

TRÊS — Prédio rústico, composto por terreno de pinhal e mato, sito em Casal, área em

Casal, com a área de quatro mil novecentos e cinquenta metros quadrados, a confrontar: do norte, sul, nascente e poente com Francisco Nunes Fernandes, inscrito na matriz sob o artigo número 1336, com o valor patrimonial de oito mil quatrocentos e vinte e dois escudos.

QUATRO — Prédio rústico, composto por terreno de cultura com oliveiras, videiras, pinhal e mato com sobreiros, sito em Vinha, com a área de mil novecentos e noventa metros quadrados, a confrontar: do norte com Isidro Luís, sul com Francisco Nunes Fernandes, nascente com a barroca, e poente com Olinda da Conceição Rodrigues, inscrito na respectiva matriz sob o artigo número 1389, com o valor patrimonial de quatro mil cento e dezanove escudos.

CINCO — Prédio rústico,

composto por terreno de mato e pinhal, sito em Vale dos Frades, com a área de trezentos e cinquenta metros quadrados, a confrontar: do norte com Francisco Coelho, sul herdeiros de Manuel Pereira, nascente com o caminho público, e poente com José Rosa Henriques, inscrito na respectiva matriz sob o artigo número 1699, com o valor patrimonial de seiscentos e oito escudos.

SEIS — Prédio rústico, composto por terreno de cultura com oliveiras, videiras, fruteiras, pinhal e mato, sito em Casalinho, com a área de quatro mil e noventa metros quadrados, a confrontar: do norte com Albino Fernandes, sul com João Henriques Quaresma, nascente com Ângelo Nunes, e poente com o caminho público, inscrito na respectiva matriz sob o artigo número 1739, com o valor patrimonial de dez mil e cinquenta e nove escudos.

Que os referidos prédios se encontram omissos na Conservatória do Registo Predial de Pedrógão Grande, e inscritos na matriz em nome do justificante marido.

Que os referidos prédios lhes pertencem por os possuírem há mais de vinte anos, e que durante aquele tempo os possuem em nome próprio, sem a menor oposição de quem quer que seja, desde o seu início, posse que sempre exerceram sem interrupção e ostensivamente com o conhecimento e acatamento de toda a gente, sendo por isso, uma posse pública, pacífica e contínua, pelo que adquiriram os referidos prédios por usucapião, não havendo todavia, dado o modo de aquisição, documento que lhes permita fazer a prova do seu direito de propriedade perfeita.

Aos indicados prédios atribuem valores iguais aos patrimoniais pelo que é o valor de vinte e quatro mil duzentos e trinta e nove escudos, o valor desta justificação,

Está conforme.

Pedrógão Grande, 23 de Março de 1994.

O Ajudante,

Ana Maria Vicente

A grande desilusão

Por António da Rosa

Vivia aquele modesto lavrador, com os seus dois filhos, numa pacata aldeia serrana, rodeada de verde floresta.

Cedo enviuvou, ficando-lhe aqueles dois rapazolas, que ajudavam o pai, no cultivo das suas pequenas terras, mas que lhes davam tudo o que era necessário para a manutenção da sua subsistência.

Possuía aquele agricultor uma parrelha de corpulentos bois, que pachorrentamente, faziam o transporte das coisas e lavravam a tempo e horas, todos os campos aráveis do seu dono, onde eram produzidos os melhores cereais, o azeite e o afamado vinho morangueiro.

Um rebanho de ovelhas e de cabras, apascentava no monte, durante o dia e à noite regressava ao redil.

O lavrador, sentia-se feliz, devido à dedicação que os seus filhos, tinham pela agricultura, pelo que, sempre que algum deles, fazia anos, o pai sacrificava o melhor carneiro ou o mais gordo vitelo, para a festa de aniversário natalício, para a qual eram convidados todos os jovens amigos.

Mas, posteriormente, o lavrador via com desalento que os seus filhos, andavam taciturnos, pelo que lhes perguntou o que tinham, e eles lhe responderam, que já andavam fartos da vida de serem camponeses e que por esta profissão, não lhes proporcionar a celebração de que tanto ambicionavam, tinham decidido ir percorrer mundo à procura da concretização do seu grande sonho, e apesar

da oposição do pai, lá seguiram na sua aventura para a cidade.

A princípio, as cartas dos filhos, chegavam com regularidade, não tardando contudo a rarear, e depois, já se passava mais de um ano, sem que o pai, recebesse, qualquer notícia dos filhos.

O pai entrara em desânimo, porque receava que os filhos, se comportassem indignamente, de modo a desonrar-lhe as suas barbas, esbranquiçadas pelo desgosto. Mas não foi isso que se verificou, o que sucedeu, foi que os filhos, desiludidos, por saírem de uma situação segura, que tinham no campo, para se precipitarem na confusão de uma cidade armadilhada, onde não encontraram a felicidade que procuravam, pelo que resolveram regressar para sempre, à beira do mar redentor.

Ao chegarem a casa, viram o pai muito triste, mas para o animar, disseram-lhe: Pai, nós regressamos. Mata o teu melhor vitelo, como aliás, o fazias antigamente, e chama para a festa, todos os jovens da aldeia. Queremos resgatar assim com eles, a nossa dívida de gratidão, quando junto da camioneta, no dia da partida, os rapazes nos abraçavam e as moças nos diziam adeus, agitando os seus lenços brancos, e ao longe nos atiravam beijos.

O pai que parecia reviver, respondeu-lhes com mágoa: Filhos, nada tenho para vos dar, a não ser o meu amor. Com a vossa ausência, tudo se foi na voragem. A doença atrofou-me. A velhice, veio precocemente.

Sem forças para cultivar o campo, este ficou ao abandono, e agora ali, onde cultivaste, tudo o que a terra podia dar, só encontrareis, cardos, tojos e silvas.

O rebanho das ovelhas e das cabras, por falta de cuidados, foi devorado por uma alcatéia. Os bois, por não os poder manter, vendi-os ao desbarato. Os amigos, desprezaram-me. E, agora, só me resta aquele, como o meu mais fiel amigo, e apontou para um pequeno rafeiro, que ao reconhecer os recém-chegados, os cumprimentou à sua maneira, empinando-se-lhe ao peito, e lambendo-lhes as mãos e as faces, de contente, com a cauda a dar a dar.

Mas os rapazes, vinham para reparar uma falta e ficarem para sempre junto do pai, pelo que de novo, na sua missão de camponeses, em companhia do autor dos seus dias, já refeito do desgosto, voltaram a pegar na charrua, já ferrugenta, que passou a fender a terra, onde as maçarocas de milho, de pesadas, tombavam das canoilas, e onde o louro centeio, ondulava, agitado pelo vento. Os potes, voltaram a encherem-se de azeite e as arcas de milho e as pipas de vinho. Os amigos de (PENICHE), esses que nunca faltam, começaram a aparecer de novo, na adega do lavrador, para beber mais um copo, do apreciável vinho de cheiro, que pelo (PREÇO), diziam ser divinal.

A felicidade voltou enfim ao lar. Os rapazes, viviam agora, satisfeitos, convencidos que a terra dá fartura a quem a sabe trabalhar.

O Santo Padre Cruz e um astuto «pobre»

No Largo do Rato, à Rua do Salitre, encaminhou-se para ele um homem novo, vestido de ganga azul e blusa da mesma cor e pediu-lhe esmola. O santo abriu o «saco» e tirou uma moeda: Quando ia a entregar-lha o «pobre», com ares zombeteiros, recolheu de repente a sua mão, de forma que a moeda caiu na calçada, tinindo, porque era de prata.

O esperto pôs logo um pé sobre a moeda, para ficar escondida. De novo, se dirige ao virtuoso Padre, a pedir-lhe outra porque a primeira se perdera.

Mas o esmolar Padre Cruz não se deixou enganar pelo «pobre» espertalhão. Todo sorridente olhou para ele com gestos de boa fraternidade, e ordenou-lhe:

«Ora meu irmão levante lá o seu pé. A moeda que lhe dei, está debaixo dele. Não lhe dou outra, porque não se deve maltratar o pão dos pobres».

O Santo Padre Cruz

Mais pobre não podia ser o terço que o Padre Cruz tinha ao pescoço, quando morreu. As contas são sementes de castanhas, encadeadas num arame ordinário, e a cruz é de alumínio, com o Cristo apenas gravado. Um terço de mendigo...

Dizia o clássico Padre Manuel Bernades que nunca encontrara homem tão virtuoso que fosse indiferente a um fato novo.

Esta afirmação foi desmentida pelo Padre Cruz que por espontânea vontade nunca mandou fazer um fato. A única forma de o fazer andar bem vestido era mudar-lhe o fato velho por um fato novo, sem lhe dizer nada. Ele nem dava por isso.

Será que o Brasil regressa ao estado selvagem

Quando os navegadores portugueses sob o comando de Pedro Álvares Cabral, em Abril de 1500 chegaram ao Brasil, encontraram os indígenas, como diz o cronista Pêro Vaz de Caminha, «pardos, nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas».

Acrescenta ainda que traziam arcos nas mãos e suas setas.

Eram indícios do estado selvagem em que viviam. Mas outros sinais vieram, depois, confirmar tal estado.

Os esforçados missionários Jesuítas, levados nas nossas caravelas, iniciaram o trabalho de civilização, começando por aprender a linguagem usada lá. E logo viram a necessidade de alterar alguns costumes, entre eles o da antropofagia, isto é, o hábito de comer carne humana.

E tão arreigada ela estava que o livro «Capitães do Brasil», conta o seguinte episódio deveras impressionante:

Anchieta, um daqueles Missionários, ocupou-se de prepa-

rar para a conversão uma pobre velhinha, com palavras de bom sentido cristão. Em dada altura, julgando-a já convertida à Fé de Jesus, falou-lhe na comunhão.

A mulherzinha logo lhe declarou que o seu desejo era comer, assada, a mãozinha de uma criança...

Recordámos estas referências dos nossos historiadores ao sabermos, pelos órgãos de comunicação social (jornais, rádios e televisões) que certa rapariga brasileira, igualmente como os seus antepassados, começou, depois do último carnaval, a andar por aí, mostrando também suas vergonhas, sem vergonha alguma, mesmo diante do Presidente da República do Brasil.

Diante disto, ocorreu-nos a pergunta: — Será que os brasileiros querem voltar ao seu estado de selvagens, tal como os encontramos no mês de Abril de 1500, faz, agora, 494 anos?

M. M.

«Do Mensageiro

Só para rir

Advinha

Certa mãe tem 7 filhas, uma com falta, cinco justas e uma santa. Que mãe e filhas são estas?

Solução da anterior: Cortiço de colmeia das abelhas.

Anedotas

— Que doença é a tua?
— Parece que é uma nevralgia!
— E donde é que te veio isso?
— Eu sei lá. O dicionário diz que vem do grego, mas eu nunca estive na Grécia!

Que grande orador convincente!

Perdeu duas noites para compor o discurso.

Cinco minutos depois de o ter começado a recitar, já estava metade da sala a dormir!

— Ó Compadre, quero abrir um poço no quintal.

Mas ando a matutar onde é que vou meter a terra que de lá sai.

— É fácil, responde o compadre, depois de refelctir. Abre um outro poço ao lado e deitas lá para dentro a terra que vai saindo.



CAIXA DE CRÉDITO AGRÍCOLA MÚTUA DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS

AGORA COM SERVIÇO DE BANCO COMPLETO

SERVIÇOS BANCÁRIOS AO DISPOR DAS COMUNIDADES RURAIS

CONTA DEPÓSITO À ORDEM
CONTA DEPÓSITO A PRAZO
CONTA POUPANÇA MEALHEIRO
CONTA POUPANÇA JOVEM
CONTA POUPANÇA REFORMADO
CONTA POUPANÇA À ORDEM
CONTA ESPECIAL EMIGRANTE
CONTA SERVIÇOS
CONTA RENDIMENTO MENSAL
CONTA CONSTITUIÇÃO DE SOCIEDADES

CARTÃO VERDE GARANTIA
CARTÃO VISA
CARTÃO MULTIBANCO
TRANSFERÊNCIAS INTERBANCÁRIAS
OPERAÇÕES COM O ESTRANGEIRO
CÂMBIOS
INVESTIMENTOS NA BOLSA

CRÉDITOS PARA:
AGRICULTURA
FLORESTA
PECUÁRIA
AGRO-INDUSTRIAS
AGRO-ALIMENTARES
AGRO-TURISMO
TURISMO RURAL
JOVENS AGRICULTORES

APOIO AO COMÉRCIO E SERVIÇOS

APOIOS FINANCEIROS COMUNITÁRIOS (CEE)

BEM-ESTAR RURAL

AS CAIXAS DE CRÉDITO AGRÍCOLA MÚTUA

Podem já financiar actividades não agrícolas, proceder a operações cambiais e com o estrangeiro, emitir cartões, Multibanco e de crédito, emitir títulos de investimento, facultando-lhe assim, aos seus clientes e associados o serviço de banco completo.

UM APOIO DIFERENTE AOS SEUS INVESTIMENTOS

Oferecemos-lhe as melhores TAXAS DE JURO

CONSULTE-NOS

CAIXA DE CRÉDITO AGRÍCOLA MÚTUA

Telefs. (036) 52564-52857 - Fax 53263
Rua Luís Quaresma Val do Rio, 24 — 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Telef. (036) 36412 — Fax 36315 — 3250 CABAÇOS-ALVAÍZERE

Telef. (036) 42328 — Fax 46210 — 3270 PEDRÓGÃO GRANDE

O NOSSO CORREIO

Desde 21 de Março a 12 de Abril de 1994, registámos as seguintes verbas entregues ao Jornal «Voz da Graça», pelos senhores:

Com 3.000\$ — Sr. Juvenal Lopes Tainha Costa, Lisboa.

Com 2.000\$ — Srs. Manuel Jacinto Tomás, Lisboa; D. Almeirinda N. Baeta, Carnide; Manuel Costa Rosa, Outão.

Com 1.500\$ — Srs. José Antunes de Carvalho, Laranjeiro; Dr. Joaquim Rodrigues de Oliveira, Coimbra; D. Edite Valentim Marques Ferreira, Figueiró dos Vinhos; António Fernandes Simões, Pesos Cimeiros.

Com 1.200\$ — Srs. Antó-

nio Henriques Neves, Póvoa de St.^a Adrião; David Almeida Baptista, Pinheiro da Piedade.

Com 1.000\$ — Srs. Manuel Antunes, Tomar; Manuel Domingues Nunes, Troviscais Cimeiros; Manuel Fonseca do Carmo, Outão; Manuel Carvalho, Agria; Aurélio Antunes, Coelhal; Mário Tomás Henriques, Nodeirinho; João Antão Barata, Amioso Fundeiro; Eduardo Abreu, Várzeas; Abílio Nunes Antão, Mó Pequena; Administração Regional de Saúde, Leiria; D. Aurora Celeste David, Almeirim; Diomácio Petulante Oliveira, Almeirim; Júlio Baptista de Almeida, Altardo; António Henriques, Troviscais

Cimeiros; José Silva Fonseca, S. Julião do Tojal; Mário Rosa Antunes, Figueiró dos Vinhos; António Dias da Silva, Lavandeira; D. Eulália Faria, Poço Negro; José Simões Rosa, Reijas; Fernando de Oliveira Ferreira Pascoal, Pedrógão Grande; D. Emília da Conceição Martins Marques, Pedrógão Grande; Carlos Inácio Graça Nunes, Pedrógão Grande; Manuel Lourenço, Cimo da Vila, Pedrógão Grande; D. Maria Lucinda Pereira M. Pais, Pedrógão Grande; Manuel Conceição Nunes, Sobreiro; Isidro Lopes Fernandes, Mó Grande; Alda Neves David, Aldeia das Freiras; Alberto Jorge Marques, Almofada de Baixo; D. Maria da Encarnação F. Reis Naves, Lisboa; Amadeu M. Rodrigues, Regadas; Armindo Rosa Lopes (Comendador), Cabeças.

Uma Profissão Religiosa, no Ribatejo

Na tarde do Domingo de Ramos, na Igreja do Mosteiro das Clariças, em Montalvo, Constância, celebrou-se a Cerimónia Solene de iniciação do Noviciado da Irmã Margarida, natural de Oeiras, Licenciada em Ciências Físicas pela Universidade de Coimbra, cerimónia presidida pelo Sr. Bispo de Portalegre, com a assistência de muitíssimos fiéis. O templo repleto.

Um caso para admirar e dar graças a Deus, ocorrido numa época, em que tantos frades, freiras, clérigos e sacerdotes têm abandonado os seus compromissos tomados e jorados! Uma jovem, professora com formatura universitária, deixar a sua carreira brilhante do Magistério Secundário para se recolher à solidão dum convento em espírito de oração e amor de Deus é de facto coisa extraordinária a indicar alta vocação religiosa, de valor espiritual e social. A freguesia de Montalvo, à beira do Tejo, na confluência do Rio Zêzere, de paisagem vistosa e pitoresca, rodeada de oliveiras, tem valor histórico. Lá se admira e visita, com prazer turístico, a casa com jardim, a comemorar o Poeta Luís de Camões, onde viveu, dois anos, desde 1548 a 1550.

Por causa dos seus infelizes e imprudentes amores com a infanta D. Maria, filha de D. Manuel, ou com Catarina de Ataíde, ou com D. Francisca de Aragão, o imortal Poeta foi desterrado da Corte para o Ribatejo, para Montalvo.

Foi em Montalvo que acamparam, para efeitos de revista, as forças do Exército que vieram a tomar parte na Primeira Grande Guerra.

E foi em Constância que se reuniu o exército inglês antes de marchar para Espanha, a travar a célebre Batalha de Talavera, onde Wellington derrotou os Franceses, em Julho de 1809.

Foi só em 7 de Dezembro de 1836 que foi dado à terra o nome de Vila Nova de Constância que até então se chamava vila de Punhete. Em 1578, o Rei D. Sebastião dera-lhe honras de vila sem foral.

No País, quatro cidades disputam a honra de ser o berço de Camões: Coimbra, com mais probabilidades a seu favor, Lisboa, Santarém e Alenquer.

Segundo as memórias Pombalinas de Arega, de 1758, 30 de Abril, a maioria dos proprietários costumavam levar carradas de milho, em grão, à vila de Punhete, junto ao Rio Tejo.

No Antigo Cabeço do Pereiro, Serra da Lousã, Alto do Coentral ... Castanheira de Pera, havia os Poços da Neve, administrados pelo neveiro-mor da Casa Real, Julião Pereira de Castro.

Quando chegava o tempo quente, a neve era cortada e seguia em grandes blocos para Lisboa. O transporte era feito, numa primeira etapa, em rouceiros carros de bois. Os blocos eram envolvidos em

palha, fetos, serrapilheiras ou metidos em caixotes. Em Miranda do Corvo, fazia-se a primeira muda dos animais. Depois os carros partiam para Constância. Daí, da via terrestre, passava-se para a via fluvial até ao Terreiro do Paço, onde se faziam saborosos gelados para o Rei e sua corte. Tão saborosos eles eram que os lisboetas os procuravam no Martinho e outros cafés, como consta de uma carta de Almeida Garrett.

A Igreja Matriz de Montalvo, construída por planta de António Xavier da Mata, data de 1771, século XVIII.

A Igreja Matriz de Constância é um belo templo, com trabalhos magníficos em mármore, situada na parte alta da vila. A torre é de cantaria e dela se avista panorama admirável. A Igreja sofreu muito com as invasões francesas que fizeram dela uma estalagem. Foi restaurada no século XIX. No tecto está pintado um belo quadro do Pintor José Malhoa, com a data de 1899, a representar a Imaculada Conceição.

Constância conserva um pelourinho. Esta nossa agradável visita, no Domingo de Ramos, devêmo-la e agradecemos-lhe à nossa vizinha Professora de Ensino Secundário no Lourçal, Dr.^a Maria Manuela Paiva Antunes e a seus pais, Sr. Manuel Antunes de Carvalho e esposa, D. Maria Benedita dos Anjos Paiva.

Bem hajam.

OS PAPAS DA IGREJA



170 — ALEXANDRE III

Nasceu em Siena. Eleito a 20.IX.1159, morreu a 20.VIII.1181. Excomungou Barbarossa, pelos seus erros e ajudou a "liga Lombarda" e derrotou-o em Lenano, com o famoso "Carroccio". Proclamou o 11.º Concílio Euménico.



159 — ADRIANO IV

Nasceu em Langley (Inglaterra). Eleito a 5.II.1154, morreu a 1.IX.1159. Defensor da supremacia Papal. Na reunião de Sutri, Barbarossa não deu apoio ao Papa e este negou-lhe o beijo de perdão. Mas chegando a um compromisso, coroou-o Imperador. Arnaldo de Bréscia foi queimado.

PINHAIS DO ZÊZERE

Tomando este nome, formou-se uma associação para efeitos de desenvolvimento desta zona norte do distrito de Leiria, a abranger os concelhos de Pedrógão Grande, Figueiró dos Vinhos e Castanheira de Pera, conforme mapa junto.

A escritura pública já foi lavrada, no dia 9 de Abril do ano corrente.



RECORDAR É VIVER

CONVITE

A Direcção da Associação dos Bombeiros Voluntários de Pedrógão Grande, orgulhar-se-ia poder contar com V. Ex.^a no número dos seus convidados, para a festa que promove em honra dos bombeiros desta Associação, agora incorporados, e toma a liberdade de juntar um detalhado programa.

A Direcção

Epifânio David Martins Júnior
Manuel Dias Nunes David
Ângelo Francisco Teixeira
Manuel Aires Henriques
António Tomás Nunes
António Júlio M. Farinha
Albino Pereira (Comandante)



VIDA
POR VIDA

BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS
DE
PEDRÓGÃO GRANDE



FESTA COMEMORATIVA DA PRIMEIRA
INCORPORAÇÃO DE BOMBEIROS

Julho de 1964